



Elisabete dos Santos Freire

Universidade São Judas Tadeu – Brasil

Resumo: O esporte é fenômeno de grande impacto social, tendo implicações culturais, psicológicas, econômicas e políticas. Mas, apesar disso, ele modernamente é pouco investigado e compreendido. A palavra esporte tem sido utilizada com múltiplos sentidos, o que torna difícil sua caracterização. Como consequência, há dificuldades para realizar a gestão do esporte, bem como a produção do conhecimento. Dessa forma, este artigo tem como objetivos analisar o esporte moderno, refletir sobre seu impacto na sociedade atual e apresentar um ponto de vista sobre sua caracterização.

Palavras-chave: esporte; sociologia do esporte; educação física.

INTRODUÇÃO

Durante mais de uma década, fui responsável pela disciplina Bases Sociológicas Aplicadas à Educação Física e ao Esporte, no curso de Graduação em Educação Física, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Um dos objetivos da disciplina era levar o estudante a refletir sobre o esporte como um fenômeno social.

Para possibilitar a concretização desse e de outros objetivos, minha intervenção como docente no ensino superior exigia o domínio de uma dimensão pedagógica, apresentada em Verenguer (2007). Concordando com a autora, era preciso construir um ambiente de aprendizagem atrativo e significativo para um estudante que, em geral, não esperava se deparar com a necessidade de olhar sociologicamente para a intervenção profissional em Educação Física e no esporte. Para isso, era fundamental

encontrar recursos pedagógicos que provocassem a reflexão sobre suas próprias crenças a respeito do esporte, a partir da compreensão de conhecimentos cientificamente produzidos. Nessa perspectiva, selecionar referências bibliográficas apropriadas era um grande desafio.

É possível encontrar uma lista bastante volumosa de autores que se dedicaram a analisar o esporte por uma perspectiva sociológica. Recorrer a essa lista pode ser a primeira iniciativa do professor, já que o contato com obras clássicas é importante para o profissional que está em formação. Contudo, grande parte dessas obras foi produzida nas décadas de 1970 e 1980. Se considerarmos que o curso de graduação tem como responsabilidade formar um profissional capaz de buscar referências teóricas atualizadas (BRASIL, 2004), não seria coerente que o docente universitário se limitasse a construir sua literatura pedagógica de apoio apenas com textos clássicos. Apresentar textos recentes é importante, especialmente para explicitar que o contato com obras clássicas se justifica, uma vez que elas fundamentam a produção de novos conhecimentos e são citadas nas publicações contemporâneas.

Assim, ainda que fosse uma tarefa bastante árdua, utilizar obras novas sobre o esporte e seu impacto social era essencial. Obras recentes eram (e continuam sendo) raras, talvez porque os estudiosos da área considerem que não exista nada de novo a acrescentar à discussão sobre o tema. Textos apropriados para utilização na graduação dificilmente são encontrados entre os poucos estudos produzidos após os anos 2000, os quais se caracterizam por apresentar discussões dirigidas a pesquisadores e não a estudantes. Essa realidade é consequência da política adotada no sistema de avaliação da produção científica na Educação Física, que desestimula a publicação de livros ou de artigos elaborados para graduandos. Nesse sentido, vale a pena destacar a obra de Knijnik e Knijnik (2004), que se diferencia das demais e atualiza a discussão sobre a temática, em linguagem que foge dos padrões rígidos e pouco atraentes da redação científica.

Diante do exposto e considerando a relevância de produzir textos didáticos apropriados para a utilização do profissional em formação, elaboramos o presente artigo com a proposta de analisar o esporte moderno, discutir sobre seu impacto na sociedade atual e apresentar um ponto de vista sobre sua caracterização.

ESPORTE E SOCIEDADE

Os políticos precisam perceber que investir no esporte previne inúmeros gastos futuros. Menos gastos com saúde, com segurança pública. (MAGIC PAULA, 2007, p. 12-15)

Dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU) e sempre citados pelas autoridades da área desportiva indicam que para cada dólar investido no esporte são economizados cerca de três dólares nas ações de saúde. (CONFEE, 2004)

Frequentemente, podemos nos defrontar com discursos que exaltam as contribuições do esporte para a sociedade, como nos dois exemplos apresentados nessas epígrafes. Nesses discursos, diversas crenças são disseminadas, influenciando a forma como o esporte é visto socialmente. Crenças sobre a possível contribuição da prática esportiva para a melhoria da saúde das pessoas ou sobre os benefícios de tal prática para a educação e o desenvolvimento humano de jovens carentes são difundidas nos meios de comunicação e passam a ser consideradas verdades quase inquestionáveis. Mas seriam essas crenças verdadeiras?

O impacto do esporte em nossa sociedade é algo incontestável. Impossível imaginar como seria o mundo, hoje, sem sua presença. Todos os dias, as pessoas procuram informações sobre o resultado de diversas modalidades esportivas nos jornais impressos, nos telejornais ou na internet. Grandes eventos, como a Copa do Mundo de Futebol, O Super Bowl ou os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, interferem na vida das pessoas e na estrutura social. Isso acontece porque o esporte possui um “inegável poder de sedução” (VERENGUER, 1993). Ele cativa, alicia, emociona. É possível perceber esse poder ao observar a expressão facial e corporal daqueles que acompanham uma bola de basquete que segue em direção à cesta, num arremesso decisivo. Observamos lágrimas nos olhos de jogadores e de torcedores quando sua equipe conquista um título ou, por outro lado, quando uma derrota impede tal conquista. Provavelmente, cada leitor irá lembrar-se de grandes emoções vividas ao praticar ou apreciar uma competição esportiva.

Esse poder que possui o esporte, de envolver a todos numa série de emoções, faz dele um fenômeno cultural de grande popularidade. É parte do cotidiano de todas as pessoas, sendo conhecido inclusive por aqueles que não apreciam os espetáculos proporcionados por esse fenômeno. Reconhecendo tal capacidade de penetração social, alguns grupos sociais procuram explorá-la com finalidades econômicas e ideológicas.

O impacto econômico do esporte é evidente. Ele se tornou um importante produtor de riqueza, movimentando a economia de muitos países. No Brasil, o esporte é um dos setores da economia que mais crescem, representando cerca de 2% do Produto Interno Bruto (PIB) do país (KASZNAR; GRAÇA FILHO, 2012). Muitos profissionais obtêm seus rendimentos a partir de seu relacionamento com a indústria esportiva. Alguns, como os atletas, preparadores físicos, técnicos, dirigentes e árbitros, estão diretamente envolvidos com os espetáculos esportivos, sendo remu-

nerados por isso. Sem eles, esses espetáculos não se realizariam. Outros, exploram o espetáculo esportivo, aferindo rendimentos de forma indireta. Entre eles estão grandes empresários, que atuam com a produção de material esportivo ou com a organização ou divulgação de eventos esportivos. Como consequência, milhões de empregos são formalmente gerados. Porém, há também um número incontável de trabalhadores informais que vivem do esporte, como vendedores ambulantes que comercializam bandeiras e camisas de equipes esportivas, alimentos diversos, refrigerantes. Alguns deles ficaram famosos, caso do vendedor de cannoli que, por mais de quatro décadas, comercializa seus doces em jogos do Clube Atlético Juventus (OESP, 2012). Há, ainda, aqueles que oferecem serviços considerados ilegais, como o “guardador” de carros ou o cambista.

A exploração econômica transforma o esporte em produto a ser vendido ou em instrumento utilizado para vender todo tipo de produto (BOURDIEU, 1997). Aparelhos de barbear, cerveja, carros, câmeras fotográficas e antissépticos para os pés são alguns dos produtos que têm sua imagem associada ao esporte, em campanhas publicitárias veiculadas pelos meios de comunicação de massa. A visibilidade proporcionada pela mídia atrai investidores e, muitas vezes, transforma o esporte. Como explica Bourdieu (1997), o fato de os jogos olímpicos terem se tornado espetáculos televisivos influencia, inclusive, o *status* de uma determinada modalidade esportiva nos Comitês Olímpicos dos países, já que sua aceitação será maior se ela for capaz de atrair mais espectadores e produzir lucros.

A exploração ideológica do esporte também pode ser percebida facilmente, sendo, inclusive, anterior à econômica. Já em sua origem, na Inglaterra, a prática esportiva era marcada por interesse das classes dominantes que, como afirma Bracht (2005, p. 97) “fizeram da apologia ao amadorismo uma estratégia de distinção social”, motivando o surgimento de ligas esportivas diferenciadas entre amadores e profissionais, entre ricos e pobres.

Esporte e política, historicamente, têm estabelecido diferentes formas de relacionamento. No século XIX, com a realização dos Jogos Olímpicos modernos, estimulou-se a associação entre o esporte e o sentimento de patriotismo (BRACHT, 2005). Essa associação ainda é feita na atualidade, estimulado pela divulgação de quadros de medalha, durante os Jogos Olímpicos. Isso acontece porque o fenômeno esportivo permite uma identificação coletiva que aproxima população e nação. Tal característica, sendo percebida por alguns políticos, fez do esporte um fenômeno de interesse do Estado. Assim, ele foi utilizado como instrumento ideológico, quer para *consolidar* internacionalmente a imagem do país ou de um determinado regime político quer para abrandar conflitos nacionais, desviando a atenção da população dos problemas existentes no país, à semelhança da política do pão e circo, adotada no Império Romano.

Sabemos também que, em 1936, Hitler tentou utilizar os jogos olímpicos para demonstrar uma superioridade da Alemanha sobre os demais países. Prática semelhante foi observada durante o período da guerra fria, quando o uso ideológico do esporte se tornou mais constante, percebido de forma mais evidente a cada quatro anos, durante os Jogos Olímpicos.

Ao discutir as relações entre esporte e Estado, Bracht (2005) argumenta que o fenômeno esportivo, diferentemente de outros fenômenos, pode facilmente ser utilizado ideologicamente porque não apresenta uma identidade política própria, adaptando-se às concepções e usos distintos. Talvez por isso, ele seja “um instrumento ideológico utilizado independentemente do regime”, como já argumentara Verenguer (1993, p. 4-5).

Outras formas de relação entre esporte e política podem ser percebidas cotidianamente. Ele aparece em toda plataforma governamental, construída durante o período eleitoral. Candidatos a cargos públicos utilizam a imagem do esporte como forma de autopromoção, aparecendo ao lado de atletas, explicitando sua preferência por uma equipe de futebol ou utilizando de popularidade obtida como ídolo do esporte para a construção de seu marketing pessoal.

Mas, uma das formas mais evidentes da relação entre política e esporte é frequentemente esquecida. Ela envolve a estrutura burocrática responsável pela organização do esporte, aqui denominada *política do esporte*. A organização de modalidades esportivas e de seus respectivos eventos exige o envolvimento direto de um conjunto de pessoas responsáveis por sua sistematização. Quem são essas pessoas? Como são escolhidas para realizar tal atividade? Que recompensas elas recebem por este tipo de trabalho?

Associações atléticas, ligas, federações, confederações e comitês esportivos são exemplos de organizações que compõem a política do esporte. Todas elas planejam e estruturam eventos esportivos (embora a dimensão desses eventos seja diferenciada) e administram recursos financeiros. Algumas dessas organizações transformaram-se em empresas, contam com orçamento anual e são controladas por um pequeno número de pessoas, que se mantém no poder por muitos anos (BOURDIEU, 1996). Em alguns casos, quando o estatuto da organização não permite a recondução de diretores ou presidentes, reorganiza-se a distribuição das pessoas pelos cargos, mantendo-se a mesma diretoria. Dessa forma, podemos afirmar que a política do esporte se mostra pouco democrática. Bracht (2005) explica que tais organizações apresentam vínculos diretos ou indiretos com o Estado, necessitando do reconhecimento e, muitas vezes, do financiamento estatal. Nessa perspectiva, desempenham um papel na estrutura macropolítica do país.

Diante das ideias apresentadas aqui, torna-se evidente que o esporte moderno é fenômeno de grande impacto na sociedade atual. Apesar disso, ele tem sido pouco investigado e, por conseguinte, por vezes é incompreendido, inclusive pelos profissionais da área (VERENGUER, 1989). O termo esporte é aplicado de diferentes formas, com múltiplos sentidos. Um exemplo dessa abrangência pode ser visto em artigo de Gavin O'Reilly (FOLHA DE S.PAULO, 2009) no qual discute o fim dos jornais e afirma que “a previsão de que os jornais irão morrer alcançou o nível de um novo esporte”. Torna-se difícil entender o significado que o autor tenta atribuir à palavra esporte. É possível que ele pretenda explicar que são tantos os que falam sobre a morte dos jornais, que tal prática parece ter se tornado um *hobby*, ou seja, uma atividade prazerosa, realizada pelas pessoas em seu momento de lazer. Frequentemente, as expressões “esporte” ou “esportivo” são utilizadas como adjetivo para ressaltar a informalidade de um carro, de uma roupa, de uma atividade. Verenguer (1993) cita alguns exemplos desse uso, como o “carro esportivo” ou o traje “esporte fino”. Seria a prática de uma modalidade esportiva algo informal? Outra prática comum é considerar esporte como sinônimo de exercício físico ou de prática de atividade motora, como caminhar no parque.

A construção de uma unidade sobre significado do termo esporte pode parecer tarefa impossível. Qual significado ele assume na frase dita por Magic Paula, apresentada no início deste capítulo? Quando ela propõe que os políticos invistam em esporte, em que atividade ela teria pensado? No estímulo à prática da atividade motora orientada? Na criação de projetos de iniciação esportiva para jovens? Quando o representante do Conselho Federal de Educação Física ressalta que o investimento em esporte gera economia nos gastos com saúde, qual o sentido atribuído ao termo esporte? Enfim, podemos concluir que o termo esporte tem sido utilizado de forma abrangente ou sem um significado definido (MARIZ DE OLIVEIRA, 1997; VERENGUER, 1989). Mas, afinal, o que é esporte?

O CONTINUUM DAS ATIVIDADES LÚDICAS HUMANAS

Alguns estudiosos (BETTI, 1983; KNIJNIK; KNIJNIK, 2004; HELAL, 1990), ao discutirem as relações entre esporte e sociedade, se dedicaram a caracterizar esse fenômeno tentando diferenciá-lo de outras atividades lúdicas, como o jogo. Na tentativa de facilitar a compreensão dessas diferenças, podemos comparar quatro situações:

- I. Um pai e seu filho de 2 anos brincam de chutar uma bola no gramado de sua residência;

2. Alguns amigos se reúnem semanalmente para jogar futebol em quadra alugada;
3. Uma equipe feminina de futsal participa de torneio universitário;
4. Duas equipes disputam partida válida pelo Campeonato Brasileiro de Futebol.

Podemos dizer que todas as pessoas envolvidas nas atividades acima estão jogando futebol? Muitas pessoas responderiam afirmativamente a essa pergunta. Entretanto, embora conhecidas pelo nome “futebol”, cada uma dessas atividades apresenta características que as diferenciam, como as recompensas esperadas por seus praticantes, a organização necessária para que cada atividade aconteça ou o grau de competência (física e motora) exigida dos praticantes.

RECOMPENSAS

Podemos analisar a motivação dos envolvidos em cada uma dessas atividades. Alguns buscam apenas por recompensas intrínsecas, ou seja, aquelas que podem ser obtidas pelo próprio indivíduo, como acontece com os envolvidos na primeira e na segunda situações. A menos que o pai da criança tenha como objetivo preparar seu filho para tornar-se um jogador de futebol, a principal recompensa que ambos buscam é a diversão, o prazer. De forma semelhante, os amigos que se reúnem para “bater uma bolinha” também estão em busca de divertimento, usufruindo de um momento de lazer. Não significa dizer que a competição é algo irrelevante para eles. Para muitos, a ludicidade está vinculada à competição.

As meninas apresentadas na situação 3 também podem ter escolhido participar do torneio em busca do prazer proporcionado, intrinsecamente, pelo desafio envolvido na disputa. Entretanto, é provável que elas esperem também por recompensas extrínsecas, como um troféu, uma medalha, o reconhecimento social destinado aos vencedores ou, simplesmente, a manutenção da bolsa de estudos concedida a estudantes que representem algumas Universidades em eventos esportivos. Recompensas semelhantes são esperadas pelos jogadores que disputam o Campeonato Brasileiro de Futebol (masculino), que não recebem bolsa de estudos, mas salários, luvas, prêmios por produtividade ou outras formas de remuneração financeira. Não se pode negar que muitos desses jogadores buscam também por recompensas intrínsecas dentro de campo. Contudo, participar dos treinamentos e competições é parte de seu trabalho, o que torna essa situação muito diferente da vivenciada nas atividades 1 e 2, inseridas no contexto do lazer.

ORGANIZAÇÃO

Outra característica diferenciadora das atividades acima que recebem o nome “futebol” é o grau de organização prévia para que cada uma delas possa acontecer. Pai e filho não necessitam realizar planejamento prévio para brincar de chutar uma bola, embora seja necessário reconhecer que, diante das demandas da vida moderna, alguns pais precisam se organizar e encontrar um horário na agenda para conviver com seus filhos. Assim como no Futebol de Rua, para pai e filho nem mesmo a bola é necessária, pode ser utilizada “qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve. No desespero, usa-se qualquer coisa que role, como uma pedra, uma lata vazia ou a merendeira do seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa” (VERÍSSIMO, 1997, p. 64).

Na situação 2, os amigos necessitam de alguma organização. Precisam combinar um horário, reservar a quadra e decidir quem levará a bola. Uniformes e arbitragem são opcionais. De forma nem sempre pacífica, eles mesmos estabelecem as regras e cuidam de seu cumprimento. Já no caso do torneio universitário feminino, é preciso elaborar um planejamento mais detalhado, construindo um regulamento próprio, definindo os locais a serem utilizados, bem como os materiais necessários e selecionando equipe de arbitragem. Os responsáveis pela organização devem também identificar a necessidade de transporte e alojamento das equipes, além de garantir a alimentação de todos os envolvidos. Torneio universitário e Campeonato Brasileiro apresentam formas de organização semelhantes. Contudo, nesse segundo evento esportivo a organização assume uma dimensão ampliada. Enfim, nas situações 3 e 4 há muitas decisões a serem tomadas, o que exige tempo para o planejamento do evento, geralmente realizado por pessoas remuneradas para realizar tal tarefa. Dessa forma, elas se distinguem daquelas apresentadas nas situações 1 e 2.

DESEMPENHO

Outro fator que leva à diferenciação das quatro atividades apresentadas é a qualidade do desempenho físico e motor exigido dos participantes. No primeiro caso, a qualidade do desempenho é irrelevante. Geralmente, a criança de dois anos está num estágio rudimentar do desenvolvimento. É provável que seu pai apresente um desenvolvimento motor mais avançado e, utilizando-se de algum bom senso, irá adequar-se às características de seu filho, para evitar que ele se frustre com a atividade.

Na situação 2, a qualidade do desempenho pode apresentar grande variabilidade. Entretanto, aqueles menos habilidosos ou com menor condição física também participam da atividade. É verdade que, em alguns casos, a possibilidade de opção

quanto à posição ocupada em campo é menor. Com certa frequência, alguns são insistentemente estimulados a jogar como goleiros.

Certamente, a cobrança quanto ao desempenho das jogadoras da equipe universitária é mais frequente. No caso dos jogadores do Campeonato Brasileiro, a exigência é ainda mais intensa e constante. Embora alguns torcedores questionem o desempenho desses jogadores durante os jogos, espera-se deles um bom domínio das habilidades específicas da modalidade, acompanhada de uma boa aptidão física. O excesso de peso de alguns desses jogadores é condenado publicamente. Obviamente, o mesmo acontece com as meninas, mas numa menor incidência. Para que um jogador apresente qualidade técnica e condição física desejadas, a participação em seções de treinamento é obrigatória. No caso das jogadoras que atuam no torneio universitário, participar do treinamento também é relevante. Mas há alguns casos em que a equipe é constituída apenas para participar do evento, selecionando-se aquelas consideradas mais aptas, habilidosas ou que apresentem apenas a disponibilidade de tempo para participar dos eventos.

AS CARACTERÍSTICAS DO ESPORTE

Consideradas as características das atividades descritas acima, é possível identificar diferenças entre elas, ainda que todas sejam denominadas futebol. As situações 1 e 2 fazem parte do universo dos jogos e brincadeiras, pois são motivadas exclusivamente por fatores intrínsecos; suas regras, quando presentes, são decididas por aqueles que delas participam e não exigem grande esforço físico ou habilidades motoras especializadas (KNIJNIK; KNIJNIK, 2004; HELAL, 1990).

Já as situações 3 e 4 podem ser incluídas entre aquelas que compõem o esporte moderno. Elas apresentam algumas características essenciais: são atividades competitivas e seguem um conjunto de regras decididas previamente, ou seja, possuem uma estrutura burocrática (HELAL, 1990). Embora não haja uma única maneira de definir o esporte, vários autores (HELAL, 1990; VERENGUER, 1989) entendem que essas são duas características essenciais. Assim, o praticante está sempre comparando seu resultado com o obtido por outros competidores. Além disso, essa competição gera consequências, como a classificação ou desclassificação de um competidor ou sua equipe e a apresentação de um *ranking*. É comum que, em disputas individuais, como aquelas que acontecem em corridas de rua ou em travessias de natação, alguns competidores estejam mais preocupados em melhorar seu resultado pessoal, ou seja, estejam motivados intrinsecamente. Contudo, ainda que em sua “orientação subjetiva” a competição não seja um aspecto relevante, o evento no qual participa é competitivo e faz parte de um calendário organizado para atingir tal finalidade.

A segunda característica essencial do esporte é sua estrutura burocrática. Os praticantes se submetem a regras estabelecidas previamente por organizações especialmente criadas para esse fim. Para que o esporte moderno se tornasse um evento global, como classificam Knijnik e Knijnik (2004), foi necessário construir uma estruturação universal, com regulamentos internacionais que orientam os competidores dos diferentes países. Em eventos locais, como um jogo entre equipes dos municípios de Morro do Chapéu e Tapiramutá, no interior da Bahia, embora os regulamentos internacionais não sejam seguidos à risca, as regras básicas do futebol são adotadas e não combinadas pelos participantes. Árbitros são selecionados e devem aplicar as regras cuidadosamente, para evitar que uma equipe seja favorecida, o que geraria grande conflito local.

Em maior ou menor amplitude, a inflexibilidade das regras e a competição estão sempre presentes no esporte (KNIJNIK; KNIJNIK, 2004; MARIZ DE OLIVEIRA, 1997). Identificar essas duas características básicas nos permite compreender melhor o fenômeno esportivo e distingui-lo do jogo ou da prática da atividade motora. Entretanto, além dessas características, a presença da habilidade motora ou de grande esforço físico, resultante do envolvimento em treinamento constante e especializado, tem sido apontada por alguns autores (KNIJNIK; KNIJNIK, 2004; HELAL, 1990; MARIZ DE OLIVEIRA, 1997) como elemento essencial de uma modalidade esportiva. Por outro lado, Betti (1983) acredita que é possível entender o esporte sem que haja esse elemento. Baseando-se nesse princípio, o autor argumenta que xadrez deva ser considerada uma modalidade esportiva. Mais recentemente, temos visto surgir expressões como *cyber-esporte* ou *e-sport*, utilizadas para denominar os torneios de jogos virtuais. Seriam esses torneios uma nova modalidade esportiva?

O que dizer, então, de atividades como o *agility*? Essa é uma competição disputada por cães que percorrem um circuito, guiados por seus condutores. Podemos entender o *agility* como uma modalidade esportiva, ainda que o principal esforço físico seja realizado por animais e não por humanos? Falaremos, então, de esporte animal? E, se for esse o caso, que profissional terá competência para intervir profissionalmente com esta modalidade?

Acreditamos que a presença do desempenho físico humano na competição seja elemento importante para caracterizar o esporte e que, competições locais ou globais, nas quais o desempenho humano não seja essencial, não fazem parte do universo esportivo. Essas competições devem continuar sendo entendidas, simplesmente, como eventos competitivos. Entretanto, as transformações sociais influenciam também o esporte. É possível que, em alguns anos, competições entre animais ou modalidades virtuais sejam consideradas olímpicas.

É NECESSÁRIO CARACTERIZAR?

Apresentamos acima alguns exemplos que evidenciam a complexidade envolvida na caracterização do esporte. O fato é que a ausência de um acordo quanto a essa caracterização dá origem a várias confusões que influenciam a forma como as pessoas se apropriam desse fenômeno, o qual tem grande impacto social, como já foi mencionado. É crescente o investimento no esporte, sendo que uma parcela considerável desse investimento vem do poder público. Como é possível investir adequadamente em produto não definido? Em 2008, um artigo publicado em jornal de grande circulação (BASTOS, 2008) divulgou a concessão do “benefício do atleta” para praticantes de atividades como jogo e dama, aerodelismo e bolão. Podemos nos questionar se essas atividades devem ser consideradas modalidades esportivas e se seus praticantes devem receber subsídio governamental.

Assim, o poder de sedução do esporte, aliado à sua incompreensão, facilita seu uso político indevido. Como exemplo podemos citar o discurso feito por Djan Madruga em 2008, que na época ocupava o cargo de Secretário Nacional do Esporte de Alto Rendimento. Segundo reportagem publicada pelo Conselho Federal de Educação Física, Madruga afirmou que

“Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a cada dólar investido no esporte, economiza-se 3,2 na saúde. Então, se o PAN do Rio custou cerca de R\$ 2 bilhões, economizaremos mais de 6 bilhões de dólares na saúde” (CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2008).

Essa informação, que mais parece um sofisma, tenta justificar o alto investimento feito pelo país nesse evento esportivo. Porém, podemos nos questionar sobre a veracidade dessa informação. Qual o significado atribuído ao esporte nesse trecho do discurso? Qualquer forma de investimento no esporte resultará em melhoria da saúde das pessoas e, portanto, resultará em economia nos gastos públicos? Será possível comprovar a economia com saúde, a partir do investimento nos Jogos Pan-americanos ou nos Jogos Olímpicos, realizados no Rio de Janeiro? Essa afirmação resulta de romantismo e ingenuidade daquele que a pronuncia? Ou é uma forma de fazer que mais pessoas defendam o aumento do investimento no esporte?

A falta de um significado para o termo esporte também tem consequências para o seu desenvolvimento. Muitos ainda entendem que ele é um ramo da Educação Física e conseqüentemente, ainda são raros os cursos de formação profissional específicos para atuar com o esporte. Verenguer (1989) e Helal (1990) já afirmaram que a Universidade pouco se preocupa em compreender o esporte. Ainda hoje, dificilmente este será o local onde o profissional encontrará os conhecimentos ne-

cessários para realizar uma intervenção competente, já que os cursos de graduação em Educação Física apresentam conhecimentos iniciais sobre o fenômeno. Resta ao profissional interessado em trabalhar nesta área utilizar uma provável experiência prévia e buscar conhecimento a partir da prática profissional ou de cursos de especialização oferecidos por federações e por algumas universidades. Em entrevista, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro afirmou que a falta de conhecimento específico era a maior carência do esporte no país (FOLHA DE S.PAULO, 2000). Podemos discordar dele. Talvez esse não seja o principal problema. Mas, certamente, é um deles.

CONSTRUIR UM SIGNIFICADO PARA O ESPORTE: UMA TAREFA COMPLEXA

É possível que alguns profissionais e pesquisadores do esporte e da educação física considerem que discutir a conceituação do esporte seja perda de tempo. Contudo, a ausência de consenso sobre o significado do termo não resulta apenas da falta de interesse, diálogo e entendimento entre os especialistas da área. Essa ausência de conceito é uma evidência da complexidade desse fenômeno social, que é popular e invade o cotidiano das pessoas. Por isso mesmo, múltiplos sentidos aparecem na utilização do tema. Essa polissemia, apontada por Betti (2001), é um dos fatores que dificultam o estabelecimento de um significado único. Além disso, as mudanças na estrutura e a organização social se refletem no esporte e o transformam. Para Araújo (2012) e Tubino (2010), já podemos falar sobre o esporte contemporâneo, que se diferencia daquele originado na sociedade moderna.

Outro fator importante é apresentado por Knijnik e Knijnik (2004). Para os autores, ainda que seja possível identificar distinções entre jogo e esporte, é preciso compreender que esses dois fenômenos estão relacionados, sendo impossível estabelecer uma fronteira entre um e outro. Daí a importância de entendê-los como dois elementos de um *continuum* que envolve as atividades lúdicas humanas. Podemos situar diversas atividades nesse contínuo, sendo que algumas estarão mais próximas do jogo, possuindo maior flexibilidade nas regras ou deixando a competição de ser algo prioritário para os participantes. Outras se aproximarão do esporte. Por vezes, o jogo influencia o surgimento e a prática do esporte. Em outros momentos, é o esporte que interfere na forma como as pessoas se apropriam do jogo (KNIJNIK; KNIJNIK, 2004; BETTI, 1999)

PODEMOS FALAR EM TIPOS DE ESPORTE?

É comum encontrar a palavra esporte acompanhada de adjetivos que tentam categorizar tipos de prática esportiva. Assim, encontramos expressões como: esporte rendimento, esporte educação, esporte saúde, esporte lazer, esporte profissional, esporte amador, esporte radical, esporte olímpico, só para citar alguns exemplos. Com o uso desses adjetivos tenta-se explicitar características de determinada prática esportiva, na intenção de facilitar o diálogo entre as pessoas. Mas essa proposta de tipificação do esporte pode dificultar ainda mais a comunicação.

O que caracteriza o esporte educacional? A prioridade dada à educação? A escola é uma instituição que tem por papel realizar uma educação formal. Nessa instituição, nem sempre o esporte é praticado com finalidade educacional. Como bem lembram Verenguer (1993) e Bracht (2005), nenhuma atividade é, em si, educacional. Busca-se tamanha especificidade na prática esportiva, como se fosse possível identificar limites entre uma prática e outra. Uma prática esportiva considerada educacional não pode ser, ao mesmo tempo, classificada como esporte saúde? Quais são os limites entre a prática esportiva como forma de lazer e aquela que caracteriza o esporte rendimento? Concordando com Verenguer (1993) acreditamos que o esporte não existe sem a busca pelo rendimento.

Apressadamente, alguns podem entender que a caracterização aqui proposta para o Esporte Moderno (competição, organização burocrática e desempenho) pode ser aplicada apenas à prática esportiva de “alto rendimento”. Contudo, essa é outra expressão que parece bastante imprecisa. O que caracteriza o esporte de alto rendimento? Alguns diriam que um aspecto essencial é a profissionalização. Contudo, no Brasil existem vários esportistas que estão no topo do *ranking* nacional em suas modalidades e que representam o país em competições internacionais. Ainda assim, não são remunerados por essa participação e frequentemente, não conseguem patrocínio para se dedicar exclusivamente à prática esportiva. Eles são exemplos do mais alto rendimento esportivo, mas não são profissionais. Podemos classificá-los como atletas de alto rendimento?

Há outro problema no uso dessa expressão. Ao utilizarmos a palavra “alto” para qualificar o esporte, tentamos enfatizar a intensidade do desempenho apresentado na prática esportiva, esquecendo que a existência de algo que possui alta intensidade implica, necessariamente, em algo oposto que possui baixa intensidade. Assim, se existe uma prática esportiva de alto rendimento, alto desempenho ou, o que é pior, de alto nível, existirá uma prática de baixo rendimento, baixo desempenho ou baixo nível, expressões essas bastante pejorativas. Quem gostaria de ser considerado como um atleta de baixo nível? Apesar da inadequação da expressão, ela tem

sido cada vez mais utilizada e parece difícil encontrar um termo apropriado para referir-se à prática esportiva daqueles que se destacam por alcançarem os melhores resultados numa determinada modalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos parágrafos anteriores apresento uma proposta para caracterizar o esporte moderno, a partir da síntese de trabalhos elaborados sobre o tema. Contudo, o objetivo principal deste texto não foi defender uma única forma de entender o fenômeno esportivo, mas enfatizar a importância de refletirmos e compreendermos a complexidade desse fenômeno, de extrema relevância social, popular, mas pouco compreendido.

Assim, nossa intenção foi demonstrar a urgência de adotar uma atitude crítica diante do esporte. O profissional da área é visto por muitos como aquele que domina conhecimentos sobre técnica e tática de uma determinada modalidade, mas que pouco sabe sobre fenômeno esportivo em si, sobre sua história, sua filosofia ou suas relações com a estrutura e organização social. Essa afirmação pode ser facilmente comprovada. É comum que, em ano de grandes eventos esportivos, sejam disseminadas, nos meios de comunicação de massa, informações diversas sobre esses eventos. Mas, raramente os profissionais do esporte são convidados para analisar temas como a história das olimpíadas. Jornalistas costumam convidar historiadores ou outros intelectuais para assumir essa tarefa, talvez por acreditar que seja difícil identificar intelectuais e pesquisadores do esporte para tratar desses temas.

Há, atualmente, inúmeros especialistas no estudo acadêmico do esporte, que poderiam discutir o fenômeno por diferentes perspectivas. Aos poucos, isso será percebido, tanto entre os jornalistas como nas demais instâncias da sociedade. Entretanto, é preciso que mais estudantes e profissionais valorizem a compreensão crítica sobre o esporte e não se preocupem apenas com a técnica ou a tática a ser adotada em treinamentos e competições esportivas, pois a valorização de uma área do conhecimento, preocupada com os estudos sobre o fenômeno esportivo, deve iniciar entre aqueles que atuam diretamente com esse fenômeno.

SPORT AND SOCIETY

Abstract: In today's society the sport is a phenomenon of great impact, with cultural, psychological, economic and political implications. The great international events to come in the country have been calling the attention of

everybody but, in despite of this, the modern sport is little researched and understood. The word sport has been used in multiple meanings, which makes it difficult to define it, to manage it as well as to build knowledge about it. Therefore, the objective of this paper is to analyze the sport, to think about the impact in the society and to present a point of view about the definition.

Keywords: sport; sociology of the sport; physical education.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. C. Transformações do Esporte: estética e regime de visibilidade (Pós) moderno. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 773-788, 2012.

BASTOS, M. Bolsa-Atleta distribui verba a esportes insólitos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo. 2008 dez 29. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2912200805.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2008.

BETTI, M. Educação Física: dessemelhança e identidade com o esporte e o jogo. **Informativo APEF**, São Paulo, v. 6, p. 9-12, 1983.

BETTI, M. Entre assistir e praticar: educação física, esporte, televisão e lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí: Unijuí, 1999. p. 213-230.

BETTI, M. Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In: CARVALHO, Y. M.; RUBIO, K. (Org.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 155-69.

BOURDIEU, P. Os Jogos Olímpicos. In: BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 121-128.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3. ed., rev. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CSE n.7**, de 31 de março de 2004.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. CONFEF apoia luta pelo um por cento para o esporte. **Revista E. F, CONFEF**, v. 26, p: 4-7, 2007. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2007/N26_DEZEMBRO/05_CONFEF_APOIA_A_LUTA_POR_UM_POR_CENTO.PDF> Acesso em: 6 fev. 2004.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. O Seminário que deixa um Legado. **Revista E.F, CONFEF**. v. 28, p. 4-8, 2008. Disponível em: <<http://www>.

confef.org.br/extra/revistaef/arquivos/2008/N28_JUNHO/06_O_SEMINARIO_QUE_DEIXA_UM_LEGADO.PDF>. Acesso em: 13 fev. 2013.

FOLHA DE S.PAULO. Redação. Falta gente de nível na área. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 maio 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/poliesporte2.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2013.

FOLHA DE S.PAULO. Redação. Venda global de jornais cresce, apesar da crise. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 28 maio 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2805200936.htm>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

HELAL, R. G. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense; 1990.

KASZMAR, I. K.; GRAÇA FILHO, A. S. **A indústria do esporte no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 2012.

KNIJNIK, J. D.; KNIJNIK, S. C. F. Sob o signo de ludens: interfaces entre brincadeira, jogo e os significados do esporte de competição. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 2, p. 103-109, 2004.

MAGIC PAULA. Entrevista. **Revista Mackenzie**, n. 39, p. 12-15, 2007.

MARIZ DE OLIVEIRA, J. G. Esporte: caracterização e conceituação. In: TAMBUCCI, P. L.; MARIZ DE OLIVEIRA, J. G.; SOBRINHO, J. C. **Esporte e jornalismo**. São Paulo: Cepeusp, 1997.

OESP – O ESTADO DE S. PAULO. Castro M., famoso vendedor de cannoli da Rua Javari está na UTI. **O Estado de S. Paulo**, 2012 jul. 26. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/curiosidade/famoso-vendedor-de-cannoli-da-rua-javari-esta-na-uti/>>. Acesso em: 13 fev. 2013.

TUBINO, M. **Estudos brasileiros sobre o esporte**: ênfase no esporte educação. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá; 2010.

VERENGUER, R. C. G. Sobre a premência do estudo do fenômeno esporte. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 3, n. 5, p. 83-86, 1989.

VERENGUER RCG. Esporte: mil e uma utilidades. **Jornal da Universidade São Judas Tadeu**, v. 3, n. 19, p. 4-5, 1993.

VERENGHER, R. C. G. Graduação em Educação Física: refletindo sobre a docência universitária e as disciplinas do núcleo socio-cultural. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n.2, p. 37-53, 2007.

VERÍSSIMO, L. F. Futebol de rua. In: NOVAES, C. E. et al. **Para gostar de ler**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 64-67. 7 v.

Contato

Elisabete dos Santos Freire
E-mail: elisabetefreire@uol.com.br

Tramitação

Recebido em 9 de novembro de 2016
Aceito em 22 de junho de 2017